

Entrevista com Milton Santos*

Carlos Tiburcio

Carlos Tiburcio é jornalista e coordenador do Le Monde Diplomatique – Brasil.

Silvio Caccia Bava

Sociólogo, fundador e pesquisador do Instituto Pólis.

Publicado em: 28/06/2001

Silvio: a cidade é assunto para quem professor ?

MS: Eu não sou planejador, fui quando era jovem, aí eu me meti a planejador. Depois, quando eu deixei a política para estudar, descobri que o importante é fazer análises, olhar as cidades como objeto de análise. Os primeiros urbanistas eram grandes analistas do fenômeno urbano. Todos eles. A crítica que eu faço à esquerda nessa relação com a cidade é a que faria também à direita, agora à esquerda a gente faz com mais força crítica. Porque os planejadores de esquerda de um modo geral não se preocupam com a análise do fenômeno urbano. Eles já postulam soluções. Então o conteúdo da cidade é deixado à margem. São as propostas que tomam a frente da cena. E mais recentemente estas propostas são propostas neoliberais.

A esquerda não sabe muito o que fazer com o urbano. E com frequência a esquerda realiza o trabalho da direita quando chega ao governo. O planejamento urbano da esquerda facilita a expansão mais rápida do neoliberalismo. Possivelmente isto vem do fato de que o planejamento urbano não é entregue a estudiosos da cidade. Em vez do planejamento urbano ser responsabilidade de urbanólogos, ele é responsabilidade de urbanistas. E a cidade não é assunto para urbanistas.

Carlos Tiburcio: Eu achei uma abordagem ótima para começar, mas o senhor poderia ilustrá-la? Há exemplos de políticas que materializam isso?

MS: Não, porque eu não desejo trabalhar com exemplos. O exemplo é a chantagem. No exemplo a gente toma o que interessa. O domínio da idéia é o domínio do pensamento puro. Se eu parto do exemplo, onde é que eu vou? O futuro é uma construção, um desafio do presente. É a novidade. O que interessa para vocês é o futuro, não é mesmo?

Silvio: Pensando o problema urbano, professor, ele vem se caracterizando de uma maneira diferenciada ao longo do tempo...

MS: Isto sempre foi assim, isto não é novidade. A novidade é que nós estamos em outro período histórico e a visão tradicional trata o presente como se fosse o passado. Então não vai alcançar o futuro. Esse me parece que é o drama que vivemos. As perguntas que vocês me fizeram são muito tradicionais, expressam uma posição velha, sem imaginação, é a repetição de um velho discurso que parece que funcionou quando não havia necessidade de planejamento. Tanto que nunca tivemos planejamento urbano, tivemos alguma coisa no passado, mas nos últimos 30, 40 anos o planejamento urbano não existiu.

Carlos Tiburcio: Como é que se rompe com essa situação?

MS: Estudando. Porque eu acho que na área de planejamento urbano, planejamento das cidades em geral, há um conjunto de preconceitos que impedem de pensar. Eu não sei como convencer um administrador a estimular as pessoas a pensar. Um prefeito teria de ter dois organismos de estudos diferentes. Teria de ter um organismo como a Sempla, por exemplo, e um grupo de pessoas que pensa independentemente da Sempla. E isto não é contemplado em nenhuma das municipalidades nem de direita nem de esquerda.

Silvio: Curitiba manteve o IPUC durante quase trinta anos...

MS: Mas pensar o status quo não tem problema.

Silvio: Como abordar o novo nesta discussão?

MS: A partir dos materiais que a história fornece, de um lado. De outro lado, no caso urbano, há uma confusão entre as coisas e a cidade. As cidades seriam coisas somente e de fato são as coisas movidas pela ação humana. A abordagem urbanística é uma intervenção sobre coisas, vamos fazer uma ponte, vamos fazer uma nova autopista, vamos fazer um túnel, vamos construir casas, essa atitude – que é dos urbanistas de uma maneira geral diante da cidade – ela impede o conhecimento do que é o organismo urbano, ela impede o plano, daí a renúncia ao plano urbano. Porque o plano diretor não é plano urbano, o plano diretor é algo que não tem maior significado para a construção do futuro.

Carlos Tiburcio: saiu nos jornais há pouco uma declaração do futuro secretário de planejamento de São Paulo de que a necessidade é fazer um novo plano diretor...

MS: O grande risco deste enfoque das coisas é que a gente pode descambar para a estética urbana, não é isso? E para a cosmética urbana, que é a grande moda atual. E para o divertimento das pessoas. E com isso se desvia a direção política. Você não enfrenta os problemas e oferece cristalizados os espaços. E aí também ajuda os escritórios. Aos grandes você dá as grandes obras e aos pequenos e médios você dá as renovações locais. 80, 100 pracinhas. E diz que está planejando a cidade toda para os pobres e para o futuro.

Silvio: Mas professor, pensando a cidade como um campo de relações sociais, em um Brasil que é 80% urbano, em que a especificidade do urbano difere da problemática geral brasileira? O que tem o urbano de específico?

MS: Essa é uma questão de uma vida. Você não responde isto em uma frase. Essa é minha obra. Um trabalho contínuo de análise do urbano. As idéias de hoje são uma cristalização de um pensamento que poderá ter sido válido há 40 anos atrás mas não é uma posição que leva em conta a história atual. Eu acho que a cidade hoje não tem nada a ver com a cidade de trinta anos atrás. No meu modo de ver a cidade é um campo de forças, como todo território ela é um campo de forças, é o lugar primordial da contradição com que o mundo se debate hoje. Ela deve ser vista assim se a gente quer ter uma visão progressista, se a gente quer pensar o futuro. O futuro é a escolha de caminhos para enfrentar as contradições.

O fenômeno urbano nacional não pode ser estudado fora do território. No caso do Brasil a especificidade ela é de cada organismo urbano. O problema central que eu vejo é que a questão das cidades, ela é tratada fora do território. Esse é o problema que eu estou apontando na maior parte dos urbanistas. Aí você acrescenta o discurso da pobreza, da desigualdade, mas que não é intrínseco, é o chantili e a cereja em cima do bolo já feito. Isso quando a questão é o próprio bolo.

Se rompêssemos com essa visão da cidade como apenas um dado da dinâmica territorial, isso nos levaria a uma outra visão dos problemas, inclusive da construção da política e da federação. A federação atual é hostil a soluções urbanas, não urbanísticas. As questões urbanísticas, elas se fazem independentes, tanto que os modelos atuais, hegemônicos, eles são estrangeiros de um modo geral. Eles são importados assim como são importados os pensadores estrangeiros que vêm aqui dizer que devemos fazer assim, devemos fazer assado.

Silvio: O senhor se refere por exemplo ao planejamento estratégico de cidades?

MS: Que ninguém sabe o que é! Ele não pode ser estratégico se não corresponde à verdadeira dinâmica, que é a do território nacional.

Silvio: Pensando a produção do urbano como uma resolução permanente de um campo de conflitos, se a equação resultante destes conflitos de alguma maneira mudasse as tradicionais elites que se apropriam do espaço público, não poderia haver uma ampliação da cidadania e aumento da qualidade de vida? O senhor vê alguma mudança nesse passado recente na dinâmica do conflito que configura o urbano?

MS: A questão urbana, como a questão territorial, ela tem o seu próprio vocabulário, que a gente recria com a história. É um vocabulário que não se pode deixar envelhecer. O fenômeno urbano ele é separado desta problemática geral da cidadania, da chamada qualidade de vida, essa expressão que eu não gosto. Qualidade de vida, desenvolvimento sustentado, são termos neoliberais. Matam qualquer discussão. Porque são terminais. São termos utilizados pelos políticos que na hora de implementá-los, não sabem como fazê-lo. Não sabem como fazê-lo porque não querem estudar. Ou não podem estudar. Então eu considero que a questão é de análise, isto é, tem que dar o lugar aos analistas. E os urbanistas, eles têm de obedecer. Eles são executantes. Eles não são mais idealizadores, exceto se forem as duas coisas ao mesmo tempo. Se eles não forem capazes de pensar, tem de se recolher ao papel de meros executores, que são os técnicos.

Carlos Tiburcio: Essa é uma a problemática mundial?

MS: Ela é menos mundial do que parece. Em outros países sempre houve respeito pelos que pensam. A partir do momento que a questão urbana começou a ser estudada, e nesta época os urbanistas eram urbanólogos também, eles reuniam de um lado essa vocação para a análise, e de outro lado o comando da técnica para soluções de problemas concretos. Eu creio que no resto do mundo a idéia do conhecimento da cidade como um todo sempre foi presente. Grandes estudos de interpretação de cidades como Londres, como Paris, sempre foram feitos. No Brasil até 40 anos atrás se faziam esses estudos também, há excelentes estudos sobre a própria São Paulo. Houve o abandono desta tradição, que traz como consequência a própria fragmentação da administração urbana. Sem querer citar este ou aquele nome, a gente vê essa fragmentação. Eu tenho que confiar que a prefeita faça o trabalho filosófico, da síntese.

No Brasil, como na América Latina, e hoje na África e na Ásia, a urbanização se dá em uma velocidade que nunca houve na Europa. E nós adotamos um modelo de uma evolução lenta, gradual, domesticada pela eficiência da cidadania, exemplos que copiamos tranquilamente como se e a realidade brasileira não fosse trepidante, de cidades sem cidadãos. Tudo isso vem também de um déficit de análise. Continuamos adotando modelos estrangeiros e mesmo dentro da esquerda há um bom número de administradores que tomam exemplos estrangeiros e os aplicam servilmente, tranquilamente, sem a crítica das esquerdas.

Silvio: Mas professor, não é à toa que o pensamento único ganha esta força. Será que nós temos a capacidade da produção de um conhecimento, nós temos uma capacidade de análise que possa estruturar o debate em torno desses temas de outra maneira?

MS: Quando se tem o poder é também possível orientar a produção das idéias. Não é verdade que não haja referências para isso no Brasil. Eu acho que temos que sentar, buscar, produzir, criar, inventar com as pessoas. Parece ser mais simples copiar. Nesse elenco de perguntas que vocês fizeram, não há traço de leitura do que eu escrevi. De meu trabalho de 40 anos. O que há é uma vontade deliberada de desconsiderar o que é feito, as perguntas todas elas escapam do que eu introduzi na disciplina. Me pedem para falar sobre outras coisas e desconhecem minha contribuição. O que é uma prova que mesmo entre os intelectuais há um descolamento que é típico da academia brasileira. Minha recente exposição à mídia tem promovido alguns escritos menores, mas minha obra mesmo, aquela que tem substância, ela não é discutida.

Carlos Tiburcio: Esse isolamento professor, ele é a expressão do quê na sua opinião?

MS: É expressão de muitas coisas, entre as quais a desimportância que se dá ao pensar as questões urbanas. Eu acho que no Brasil é considerado que não é preciso se pensar realmente sobre as questões urbanas. Já se deixou de planificar há muito tempo. As pessoas escrevem centenas de páginas, chamam isso de plano diretor. Há escritórios repetindo a mesma coisa, só mudando o nome da cidade, sem um esforço de compreensão, de captação da dinâmica real de cada pedaço do território.

O que cada um produz não é discutido. As nossas revistas científicas não têm páginas para discutir nada! O livro sai e pronto, acabou. Tem aquela festa, os amigos vão e acabou. Uma vida política saudável, ela precisa de uma base intelectual forte.

Silvio: Já houve uma época no Brasil em que os e especialistas em relações de trabalho, analistas da questão sindical, tinham decretado o fim do sindicalismo brasileiro. Isto ocorreu em 1979. Logo em seguida nos anos 80, 81 e seguintes nós assistimos toda a mobilização operária e sindical que vai originar o pólo combativo, vai dar origem à CUT, etc. Naquela época, me pareceu que estes especialistas não tinham instrumentos analíticos para dar conta do reconhecimento das mudanças que se operavam na realidade brasileira, por isso que estes estudiosos, ilusoriamente, identificavam um tipo de tendência que não se configurou...

MS: Mas quando a gente descobre isso, já descobriu quase tudo...

Silvio: Eu queria perguntar ao senhor se é possível reconhecer um momento de ruptura com uma tradição teórica anterior no campo da análise do urbano?

MS: Se vocês tivessem lido o que eu escrevi, a sério, não me fariam essa pergunta. Essa resposta está lá. E a cada novo livro eu venho renovando, apresentando novas propostas. A vida política, essa vontade de fazer democracia que agora afinal está se manifestando, poderia ser revigorada se os partidos tivessem uma noção da importância do trabalho nesse campo.

Carlos Tiburcio: Está parecendo que o neoliberalismo está sofrendo derrotas justamente na localidade, nas cidades, na base da sociedade. Porque aí forças as mais variadas de oposição estão, pelas vias democráticas, conquistando novos espaços. Isso desde Londres até Manágua, Cidade do México, São Paulo... Isso é um fenômeno, é esperado que a coisa venha assim de baixo para cima, que ali na localidade onde as pessoas vivem suas contradições é que surja o novo?

MS: Eu acho que as forças políticas hoje estão atrasadas. Eu acho que quem está na frente é o povo mesmo. São duas coisas diferentes.

Nunca houve uma produção tão acentuada de carências como agora. Nos países mais pobres isso se nota mais ainda. Só que a análise do fenômeno não é feita por aí. Existem conflitos populares, existem conflitos gerais. As manifestações populares são incompletas, às vezes incorretas, mas são frutos, como diria o Marx, que eu creio que a globalização está trazendo.

Acho isso fundamental. É dessas manifestações populares que eu acho que vem a saída. Essa é a saída. E ela será tanto mais rápida e eficaz quanto mais a gente ajude esse povo a entendê-la. É outra razão pela qual se eu fosse prefeito de uma cidade grande primeiro ajudaria a criar nos próprios organismos de planejamento, ou paralelamente a eles, grupos de estudo com independência, para abastecer de idéias a partir desse novo e encorajar pesquisas na Universidade, que cada vez menos é o lugar da pesquisa do novo. A Universidade é cada vez mais requisitada, solicitada, a reproduzir modelos velhos. Isso pela maneira de como a pesquisa é estimulada e financiada.

Carlos Tiburcio: O Sr. falou sobre importantes estudos urbanos que se fazem sobre cidades como Londres e Paris. Em termos mais contemporâneos o senhor identifica algum lugar do mundo onde esteja havendo essa conjugação entre o incentivo ao estudo e o urbano não sendo visto como coisa?

MS: Eu, como todo mundo, faço um esforço para me atualizar, mas nós somos perturbados pela leitura dos colegas ocidentais, dos colegas do Norte, que tem toda a produção dos nossos ismos. Sempre foi assim e continua sendo. O que nós fazemos aqui neste centro de pesquisa é bem diferente.

Silvio: A situação recente provocada no Brasil pelas imposições do ajuste estrutural de nossa economia acabou fazendo com que o conflito social explodisse no campo em primeiro lugar. O que permitiu a constituição de novos atores políticos, o crescimento do **MST**. Existem analistas que apontam que o conflito social agora vai explodir no meio urbano. O que o senhor acha disso?

MS: Simplesmente as pessoas não querem ver, querem olhar com as lunetas dos anos 40, 50, 60. São muitos os conflitos que a gente não está habituado a ver. Porque temos uma dificuldade de aceitar o novo. A gente identifica uma miríade de conflitos que a gente não nomeia porque são novos. Os conflitos agrícolas são urbanos, no fundo. Há também solidariedade, não é só conflito, não é só violência.

Silvio: O senhor sugere em algum dos seus textos que nós precisamos fazer uma pesquisa mais profunda das formas de solidariedade no meio popular. O senhor pode desenvolver um pouco mais essa idéia?

MS: Eu creio que é preciso mapear essas formas de solidariedade e encontrar, digamos, a lógica da sua espontaneidade. Isso para que essa lógica possa entrar na programação dos partidos e eventualmente no projetamento dos governos. É uma perspectiva de se contrapor à lógica de hoje, que é não querer o povo, a lógica dos pobres, e promover a sua substituição pela lógica dos poderosos. Que é o que está vendido no caso brasileiro de alto a baixo, de leste a oeste, na panóplia ideológica.

Por exemplo, essa luta encarniçada contra o chamado setor informal. Esse setor informal, que eu chamo de circuito inferior, ele é o lugar da liberdade, da inventividade, da originalidade, é o

lugar onde tudo pode estar presente. A racionalidade do chamado setor formal, ela mata o futuro. Então, como é que eu vou estimular essas forças sociais, essa forma de vida interpessoal, sem que isso seja corrompido pela formalidade? Acho que esse é o problema a ser tratado. Mas aí você teria de ter um pensamento geral, mas capaz de captar a sua dinâmica em cada localidade, porque o fenômeno se dá igualmente mas assume configurações territoriais particulares. Acho que de novo, são as idéias que podem mudar essa realidade, o que é abominado pelos políticos e administradores. As idéias, os pensadores mais gerais, são chamados para ajudar os candidatos a fazer discursos, mas não para fazer uma política.

Silvio: É que a política supõe mediações institucionais e supõe um certo pragmatismo de resultados, não é? Como combinar a produção desse conhecimento com a constituição de novos atores capazes de mudar o que aí está? O senhor está atribuindo aos partidos o papel de absorver as indicações do novo, mas os partidos estão sendo capazes de absorver isso?

MS: Eu acho que estão. Na minha experiência estão. Não os partidos como estruturas maciças, os aparelhos. Mas o que a gente vai fazer com os aparelhos? O que intelectual tem que ver com aparelhos de partidos? Intelectual só pode ser ouvido por fragmentos de partidos, que estão se multiplicando. Nós estamos tendo no Brasil uma evolução revolucionária da vida política.

Carlos Tiburcio: Como o senhor identifica isso?

MS: Aí eu vou dar os nomes. Um partido político como o PFL, ele cristaliza as ambições do neoliberalismo. Inclusive com a sua veia mais recente, que é a veia caritativa, pregada pelos organismos internacionais. No PT, de outro lado, instala-se um debate interno intenso entre grupos que eu não saberia nomear. Esses fragmentos de partidos estão se levantando com muita força. Existe também a tendência de fragmentação dos aparelhos dos partidos progressistas, de todos. Eu creio que isso é novo no Brasil. Essa é que é a novidade. Quando só tinha o PT, só tinha um lado, não tem debate. O problema é que surge uma certa confusão, algumas pessoas do PT imaginam que podem confraternizar com a direita que está no PFL. Só que o tema da cidade não pôde ser incorporado ainda. Então isso é um freio a que essa evolução política se dê.

Silvio: Seria possível pensar, a partir dos sinais presentes hoje, que um novo mundo urbano é possível, aqui no Brasil?

MS: Eu acho que sim. Essa realidade está se produzindo. Em primeiro lugar, a cidade tomou o lugar da nação. E a nação, pela mão do aparelho de Estado, foi escangalhada. A cidade, ela é que se apropria das possibilidades do futuro, não é o campo. A cidade, no seu funcionamento, hoje é menos capitalista do que o campo moderno. Ela é mistura. Ela é criativa porque é mistura. O que falta é aumentar a consciência desses fatos todos de modo a reduzir o jogo de cabra cega. O que é um trabalho em primeiro lugar dos intelectuais, dos para-intelectuais. Esse termo não é pejorativo. É pára-intelectual porque está preocupado com resultados. E o intelectual não tem que estar preocupado com isso não. É também um trabalho dos políticos, mas também dos não-políticos porque as instituições, elas limitam o debate.

Silvio: Nós estamos assistindo hoje uma crise crescente nas cidades, que se expressa no aumento da violência, da privatização do espaço público, do domínio do narcotráfico, de uma falta de regulação da vida pública. O contrato social acabou se precarizando cada vez mais. Eu vejo que não está garantido um futuro com uma mutação como o senhor aponta como uma possibilidade. Nós podemos estar indo para uma situação de barbárie. Nós podemos estar

indo para uma situação de decomposição da nação como vive a Colômbia hoje. Para cidades como a Los Angeles do filme Blade Runner. O que o senhor acha dessas possibilidades?

MS: Eu acho um equívoco culpar a cidade por um fenômeno de civilização. É um ponto de partida equivocado. Não é a cidade, é a civilização. De novo, ou a gente trabalha as coisas, ou a gente trabalha as pessoas nas relações com as coisas. A violência também existe, mas é só isso que existe? Como é que eu vou analisar o fenômeno urbano? Esse é que é o meu problema. Não é me fixando naquilo que a imprensa bate todo dia. Ela transforma a violência numa questão policial em vez de produzir um debate civilizacional. Não houve nenhum momento em que surgiu a palavra civilização.

Carlos Tiburcio: Em Porto Alegre, o prefeito Raul Pont aponta como objetivos últimos de seu governo a justiça, a equidade...

MS: Eu não queria citar facções, mas é nítida em Porto Alegre a emergência de uma vontade política...

Silvio: Mas se a questão é civilizacional, ela toca todas as formas de vida em sociedade, e aí não perdemos a especificidade do urbano?

MS: Eu tenho que voltar à minha primeira crítica, de que nós não sabemos trabalhar os dados. É essa procura que eu acho que tem de ser feita. Porque as categorias de análise são velhas e você não pode trabalhar o novo com categorias epistemológicas superadas. Eu acho que esse é o drama, se não houvesse idéias, não haveria globalização. Nunca houve um período histórico construído a partir de idéias. Esse é o primeiro. Ele foi ideado há 40, 50 anos.

Silvio: Minha pergunta é sobre a nossa possibilidade de reconhecer a partir das práticas, das experiências em curso, sinais de mudança. Eu reconheço nesse mundo das cidades uma fragmentação muito grande nos setores populares, uma dificuldade muito grande de estabelecer redes, fóruns de ação conjunta. Já houve no passado períodos em que essas manifestações eram mais visíveis, mais articuladas. E hoje não, há uma grande dificuldade para atuar em conjunto. Há sinais de mudança a partir das práticas populares?

MS: Por que eu vou partir do passado para discutir essas coisas? Que o pobre queira consumir é absolutamente normal no período atual. E uma boa parte da sociedade de mutação deixa a vontade de consumo, essa compulsão ao consumo que é típica do nosso período. Eu tenho que levar em conta isso. Acho que esse é o problema nosso. E aqui eu volto à minha tese central: nós temos que distinguir, como dizem os filósofos, entre a ação contingente e a ação possível. Se eu não reconhecer essa dualidade do ser humano, eu não tenho futuro. Porque nós somos condicionados por forças que nunca foram tão fortes também no constrangimento ao pensamento.

Carlos Tiburcio: De onde nós podemos esperar que surja de uma maneira mais articulada esse tipo de questionamento ao pensamento único?

MS: Eu acho que ele já existe. Da parte dos pobres. Dos pobres imigrantes, das minorias. E há a codificação, que é trabalho nosso, codificar e inventar, porque o pensamento também é cultivo. Essa invenção a par da codificação, do que a sociedade descobre de novo. No caso do Brasil isso é muito difícil porque o Brasil é sempre hostil com seus intelectuais. Não gosta deles. Os intelectuais sempre tem poucos recursos, são chamados para enfeitar acontecimentos e depois são mandados embora. Hoje os aparelhos partidários colocam um

cordão sanitário em torno dos intelectuais, eles prescindem deles, trabalham sem de um modo geral.

Silvio: Há hoje no Brasil uma valorização de certas práticas, como programas de renda mínima, bolsa-escola, incubadoras de empresas, economia solidária, micro-crédito, e numa outra vertente, por exemplo, o Orçamento Participativo. À parte o Orçamento Participativo, eu poderia dizer que todos esses programas são políticas de corte keynesiano, voltadas para atender os mais pobres, sem maiores alcances estratégicos...

MS: Porque você coloca à parte o Orçamento Participativo?

Silvio: Porque eu tenho dúvidas se podemos incluir o OP com a mesma qualidade que as demais políticas que eu citei. Essas políticas, nesse sentido, não teriam nada de inovador. Nós estaríamos apenas reproduzindo formas complementares de atendimento aos bolsões mais vulneráveis de pobreza gerados pelos próprios efeitos do ajuste. O que colocaria em questão uma afirmativa corrente de que através destas práticas estaria se produzindo o empoderamento destes setores mais pobres, sua inclusão no mundo de uma cidadania mais ativa. Isso ficaria em questão, não é mesmo?

MS: Para um intelectual que se pretende de esquerda, a resposta para estes exemplos que compõem os primeiros casos é um sorriso mesmo. A adoção desses programas é a prova da falta de vontade de enfrentar a tarefa da transformação social. É o neoliberalismo que põe pó-de-arroz aqui e ali, ajeita uma coisinha aqui, uma ali, dá uma esmola. A prova é que a renda mínima, ela só tem um efeito multiplicador nos lugares de extrema pobreza.

Quanto à participação, é difícil discutí-la porque mobilizar as pessoas para discutir parte do gasto público não modifica a minha visão sobre a cidade, mas está bem, eu acho bom que se comece a preparar as condições para poder mudar. Só que é um desafio passar da discussão da distribuição do gasto público para a discussão da cidade. Espero que em Porto Alegre, o novo prefeito cuide da cidade, paralelamente à participação.

O que acontece quando não se pensa a cidade, o prefeito pode melhorar as condições de arrecadação, ele pode eventualmente dar a impressão de progresso, mas está simplesmente entregando a cidade à lógica do neoliberalismo, como nós estamos assistindo em algumas municipalidades progressistas. É a lógica do grande capital, do capital bancário, que vai predominar na evolução urbana. Então o problema que está se colocando é: o quê a esquerda tem a fazer na cidade?

Eu acho que enquanto as esquerdas não compreenderem que não são os discursos, ou os urbanistas, que vão mudar as cidades, a lógica continua a mesma. Tanto que eles podem circular livremente em todos os governos com as mesmas propostas. Com a mesma tranquilidade. Quer dizer que a esquerda é cega, inteiramente perdida na questão urbana e tem que se reencontrar rapidamente. Porque o futuro não espera.

*Entrevista publicada originalmente no Caderno Especial "Um Outro Mundo Urbano é Possível", co-edição Instituto Pólis e Le Monde Diplomatique, por ocasião do Fórum Social Mundial - 2001.